

A realidade segundo Bauman e as implicações na educação

Gilson José Gonchorovski

Claudionei Vicente Cassol

Universidade Regional Integrada do alto Uruguai e das Missões (Brasil)

Resumo

Este artigo analisa as implicações do pensamento de Bauman à Educação, a partir do conceito de Modernidade Líquida. A fluidez das relações humanas, o enfraquecimento das instituições e a instabilidade social impactam as práticas educativas, exigindo uma reconfiguração da escola e de seus objetivos. Com uma abordagem crítico-reflexiva, propõe articular Bauman e Paulo Freire para compreender as implicações da Modernidade Líquida na Educação, destacando a urgência de uma prática pedagógica comprometida com a formação integral, a autonomia e a justiça social. A conclusão destaca que a articulação entre Bauman e Freire enfatiza como a Modernidade Líquida fragiliza as instituições educacionais, necessitando uma reorientação dos objetivos da escola. Diante da fluidez social e da lógica de consumo, a educação deve superar a mera adaptação às exigências do mercado e afirmar-se como espaço ético de resistência e criação coletiva, formando sujeitos autônomos, críticos, solidários, e promovendo uma transformação social efetiva.

Palavras-chave: Zygmunt Bauman. Modernidade líquida. Educação. Paulo Freire.

Reality according to Bauman and its implications for education

Abstract

This article analyzes the implications of Zygmunt Bauman's thinking for Education, based on the concept of Liquid Modernity. The fluidity of human relationships, the weakening of institutions and social instability directly impact educational practices, requiring a profound reconfiguration of the school and its objectives. With a critical-reflexive approach, it proposes to articulate

Bauman and Paulo Freire to understand the implications of Liquid Modernity in Education, highlighting the urgency of a pedagogical practice committed to integral education, autonomy and social justice. The conclusion highlights that the articulation between Bauman and Freire emphasizes how Liquid Modernity weakens educational institutions, requiring a reorientation of the school's objectives. Given social fluidity and the logic of consumption, education must go beyond mere adaptation to market demands and assert itself as an ethical space for resistance and collective creation, forming autonomous, critical, and supportive individuals and promoting effective social transformation.

Keywords: Zygmunt Bauman. Liquid modernity. Education. Paulo Freire.

La realidad según Bauman y sus implicaciones para la educación

Resumen

Este artículo analiza las implicaciones del pensamiento de Zygmunt Bauman para la Educación, a partir del concepto de Modernidad Líquida. La fluidez de las relaciones humanas, el debilitamiento de las instituciones y la inestabilidad social impactan directamente en las prácticas educativas, exigiendo una profunda reconfiguración de la escuela y sus objetivos. A partir de un enfoque crítico-reflexivo, el estudio propone una lectura que articula a Bauman y Paulo Freire para comprender las implicaciones de la Modernidad Líquida en la Educación, destacando la urgencia de una práctica pedagógica comprometida con la educación integral, la autonomía y la justicia social. La conclusión del artículo destaca que la articulación entre Bauman y Freire enfatiza cómo la Modernidad Líquida debilita las instituciones educativas, requiriendo una reorientación radical de los objetivos de la escuela. Frente a la fluidez social y la lógica del consumo, la educación debe ir más allá de la mera adaptación a las demandas del mercado y afirmarse como un espacio ético de resistencia y creación colectiva, capaz de formar individuos autónomos, críticos y solidarios y promover una transformación social efectiva.

Palabras llave: Zygmunt Bauman. Modernidad líquida. Educación. Paulo Freire.

Introdução

A obra de Zygmunt Bauman é fundamental para compreendermos as transformações da vida contemporânea. Seu conceito de Modernidade Líquida revela a fragilidade dos vínculos humanos, instituições e pertencimentos, agora marcados pela fluidez e volatilidade. Essa lógica alcança também a Educação, que enfrenta o desafio de repensar práticas e teorias diante da instabilidade, do consumo imediato e do enfraquecimento das referências sólidas. Escola, família e Estado perdem centralidade, exigindo da Educação novas formas de atuação em tempos líquidos.

Mais do que adaptar-se às mudanças, Bauman alerta para os riscos de lidarmos com elas de forma superficial e descomprometida, sem um senso de coletividade. Por isso, é urgente desenvolvermos uma consciência crítica sobre os efeitos desse dinamismo nas práticas educativas. A construção de uma Educação significativa exige mais do que inovações metodológicas: requer sensibilidade para percebermos os desafios de um tempo instável e coragem para rompermos com modelos esvaziados de sentido.

Nesse caminho, o pensamento de Paulo Freire se apresenta como um contraponto potente. Sua proposta de Educação libertadora e dialógica compartilha com Bauman a preocupação com a formação de sujeitos autônomos, conscientes e capazes de transformar a realidade. A partir da articulação entre a Sociologia Reflexiva de Bauman e a Pedagogia Crítica de Freire, é possível construirmos uma leitura mais profunda dos desafios enfrentados pela Educação na contemporaneidade.

Este artigo, portanto, tem como objetivo articular Bauman e Paulo Freire para compreender as implicações da Modernidade Líquida na Educação, destacando a urgência de uma prática pedagógica comprometida com a formação integral, a autonomia e a justiça social. A presente pesquisa se desenvolve a partir de fontes bibliográficas com abordagem crítico-reflexiva. Ao longo do texto, apresentamos os principais conceitos da Modernidade Líquida, discutimos seus impactos no contexto educacional e propomos reflexões acerca das possibilidades de uma prática pedagógica que acolha a complexidade do nosso tempo sem abrir mão da formação crítica, científica e humanista.

Compreensão da Modernidade Líquida a partir de Zygmunt Bauman e aproximações com o pensamento freireano

A compreensão da realidade educacional é um desafio histórico. Em períodos de crise, reformulações se tornam necessárias. Conforme Bauman (2010), a crise atual na Educação difere das anteriores, revelando a complexidade do presente. Nesse sentido, em períodos de crise, reformulações se tornam necessárias.

Consoante Bauman, vivemos a Modernidade Líquida, marcada pela fluidez das relações e instituições. A Modernidade Sólida, vivida anteriormente, oferecia referências estáveis, inclusive na Educação, mas foi sendo substituída com o avanço da globalização e do capitalismo. Na Modernidade Sólida, havia modelos de vida estáveis. Hoje, a imprevisibilidade e a rápida transformação social dificultam planos de longo prazo. A identidade está mais ligada ao consumo do que a valores.

4

A globalização, segundo Bauman, trouxe muitas ideias novas, boas ou ruins. Isso deixou, em termos de Educação, pais e mães, ou mesmo responsáveis, perdidos/as em tantas informações, educandos/as angustiados/as com tantas incertezas quanto ao futuro. Antes da globalização moderna, cada sociedade seguia suas referências, suas influências sociais e como estavam mais isoladas e o acesso à informação era mais restrito ou reservado, a população acreditava muito mais nas instituições. As mudanças e interferências no sistema vigente eram duramente punidas.

Na Modernidade Líquida, o excesso de estímulos digitais gera alienação, principalmente entre estudantes. As redes sociais e jogos produzem distrações e enfraquecem o compromisso com a vida e com o outro. Nesse contexto, enfrentamos dilemas sociais, econômicos e ambientais que afetam a formação humana. A Educação, nesse cenário, passa por grandes desafios ainda pouco compreendidos.

Vivemos em um mundo financeirizado, em que tudo tem preço, mas pouco valor. Isso influencia as juventudes a desprezarem os valores éticos em favor da lógica do mercado (Bauman, 2000). A mercantilização da vida esvazia os vínculos reais e os valores humanos, criando uma existência artificial e isolada, como uma sociedade de bolhas. As formas de alienação são

voláteis e difíceis de perceber. No Dicionário Paulo Freire, ela é vista como opressão e perda da condição de sujeito (Kieling, 2008). A obra também esclarece sentidos de alienação em outras passagens, como essa:

As formas de alienação são constantemente denunciadas [por Freire que] entende-a como perda da condição de sujeito na sociedade. Perda efetiva nos processos históricos, que reduzem as populações a condições desumanas de vida à subserviência, a posições de exploração que diminuem a capacidade dos homens [e das mulheres] de ser mais (Kieling, 2008, p. 49).

Kieling (2008) destaca que Freire denuncia as formas de opressão que impedem o desenvolvimento humano, especialmente entre os mais vulneráveis, favorecendo a manutenção da desigualdade. Para Freire, homens e mulheres são agentes da história, porém, ao se alienarem, deixam de lutar por seus direitos e tornam-se reféns de opressões sociais, econômicas ou políticas. Com isso, abrem mão de algo essencial à democracia e à cidadania: seus próprios direitos. A história está repleta de exemplos, graduais ou abruptos, dessa perda com consequências trágicas.

Quando o ser humano perde o respeito pelas necessidades e dignidade das outras pessoas, é levado a um caminho sem volta de desumanização e selvageria. Percebemos que, na Modernidade Líquida, homens e mulheres não estão bem; algo os/as perturba quase que inconscientemente, o que parece provocar a potencialização do consumismo, da competitividade, do individualismo, do egoísmo, da alienação, das pandemias, das crises econômicas que assolam o mundo. A globalização, os mercados interligados, a financeirização do mundo e uma espécie de transvaloração indicam que não sofremos mais localmente, porém globalmente.

A dor hoje é global. Bauman lembra que todo problema gera outros. Freire (2011; 2018) defende que o diálogo, a Educação e a solidariedade são caminhos permanentes para a transformação. Uma das soluções que Paulo Freire (2018) encontrou para a superação da alienação e outros males da globalização é a conscientização e a denúncia das injustiças, ressaltando a esperança em dias melhores. Freire entende que a esperança sempre foi um sonho possível. A esperança é essencial para dar sentido às ações e evitar um futuro dominado pelo egoísmo e pela desumanização. Para o educador,

em conformidade com Streck (2008), ela está ligada à utopia e ao sonho possível.

A Modernidade Sólida também apresentava problemas, contudo sustentava valores distintos. Ambas buscavam a liberdade, contudo, hoje, vivemos múltiplas crises que afetam diretamente a Educação. Segundo Zygmunt Bauman, após a Modernidade Sólida, as relações econômicas tornaram-se mais dinâmicas e as sociais, mais individualistas e descartáveis. Os laços humanos enfraqueceram, e o consumo passou a definir identidades e valores sociais, evidenciando a liquidez nas relações, tanto sociais, quanto econômicas e pessoais, com reflexos profundos sobre os valores familiares e educacionais.

Para compreendermos melhor esse contexto, não poderíamos deixar de dialogar com um dos grandes educadores brasileiros que é Paulo Freire. Mesmo abordando as questões sociais e educacionais de maneira diferente de Bauman, ambos têm preocupações semelhantes em relação aos problemas sociais que interessam à Educação atual e futura.

6

Na obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), Paulo Freire defende que o individualismo seria prejudicial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, porque impede a solidariedade e a colaboração necessárias para superar as opressões e construir uma sociedade mais justa nesse sentido. Confiava que a conscientização de educandos/as seria o caminho para um ensino de qualidade, ou seja, a ação coletiva e a inclusão são muito mais ontológicos que o individualismo e a competitividade. O egoísmo, exacerbado do modo como a sociedade o tem expressado, e o individualismo, como ocorre na *Modernidade Líquida* (1999), são mais prejudiciais do que benéficos para os/as educandos/as e para a sociedade como um todo.

Bauman, em *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), aponta que o individualismo da Modernidade Líquida gera alienação, fragilidade e relações humanas superficiais. Essa lógica transforma pessoas em objetos descartáveis, afetando diretamente as famílias dos/as educandos/as, que precisam de estruturas afetivas e sociais sólidas. Na Modernidade Líquida, buscamos apenas o prazer nas relações, evitando responsabilidades, o que evidencia um "consumismo humano" em que o afeto é secundário. São essas mesmas pessoas que educarão as futuras gerações.

De maneira alguma temos a pretensão de generalizar que existam somente pessoas egoístas e individualistas na sociedade. Todavia, uma boa parcela da população mundial, atualmente, está fundamentalmente pensando em si, construindo sua bolha, seu mundo, sua política da vida privada (Bauman, 2000; 2007), o que pode ser muito prejudicial para as gerações futuras. Como descrito por Riboli (2019, p. 16), "[...] isso decorre também de uma 'sociedade líquida' que, em termos de atuação coletiva não mais dá conta de organizar seus membros em torno de demandas".

Uma possível saída para a crise de vínculos é a amorosidade, defendida por Paulo Freire como resposta à frieza nas relações humanas. Ele critica a transformação do amor em vínculo provisório, marcado pelo egoísmo e pelo abandono da solidariedade e da ética. Freire, conforme Streck, Redin e Zitkoski (2008), reitera a amorosidade como uma capacidade humana primordial à existência ética e cultural no mundo e com o mundo. No entanto, como desenvolver o sentimento de amor, amorosidade, nas gerações futuras na sociedade líquida?

Na direção que a liquidez nos coloca, com base na compreensão baumaniana, às gerações futuras rejeitarão o amor para não sofrer, manterão os laços de humanidade, compromisso e vínculos frouxos para se desapegarem assim que as coisas não saírem como o esperado. O individualismo enfraquece os laços comunitários, gerando isolamento e influenciando especialmente as gerações mais antigas. Bauman indica o consumismo como alívio às angústias da Modernidade Líquida, enquanto Freire o critica por contribuir com a desigualdade e desviar o foco do desenvolvimento pessoal e social necessário à superação desse contexto.

Fica evidente que, tanto em Freire quanto em Bauman, o comportamento individualista está suplantando o social e prejudicando os indivíduos nas suas concepções, na sua formação. Também atinge, de alguma forma, a sociedade. O individualismo e o consumismo geram impactos profundos na sociedade, sobretudo na Educação e nas novas gerações. Os jovens, por estarem em fase de descoberta e formação, são mais vulneráveis aos efeitos da Modernidade Líquida, tornando ainda mais complexa a construção de sua identidade e posição no mundo.

Freire propõe uma pedagogia crítica voltada à conscientização e à transformação social, enquanto Bauman critica a superficialidade das relações humanas e seus efeitos na educação. Ambos convergem na crítica à opressão e à falta de reflexão crítica, utilizando a pedagogia e a sociologia para pensar alternativas diante das transformações do mundo líquido da Modernidade.

O *Dicionário Paulo Freire* (Streck; Redin; Zitkoski, 2008), ao lembrar a história de vida e o conhecimento pedagógico freireanos, situa a arquitetura teórica do patrono da Educação brasileira na aversão à injustiça e na luta radical pela dignidade humana através da conscientização como meio de libertar o ser humano das amarras da ignorância de seu panorama social, da sua condição de opressão. A obra também destaca o exílio de Freire, acusado de subversão por seus métodos pedagógicos que viam o ensino como ferramenta de transformação social. Enfatiza o perigo do conhecimento, da ciência e da pedagogia que despertam a conscientização na luta pela dignidade humana, especialmente quando desafiam as ordens sociais e as hegemonias.

8

No enquadramento sócio-histórico do Brasil e do mundo globalizado, muitas pessoas estão excluídas, oprimidas e afastadas da dignidade humana, vivendo na pobreza e marginalidade, esquecidas pelo Estado. Acreditando em uma Educação libertadora, Freire se alinha a Bauman, que propunha uma forma de nos relacionarmos com o mundo para evitar o consumismo, que desumaniza o ser humano em um sistema que ignora sua dignidade.

Em um mundo com tantas desigualdades, preconceitos de todos os tipos, violência e ignorância, descaso com a dignidade humana, foco no lucro e violência sistêmica, a pergunta que fica é como construir uma Educação em que as pessoas sejam menos intolerantes, menos violentas, mais dialógicas, mais honestas e íntegras? Angustiamo-nos muito ao pensarmos para onde a Educação pode estar seguindo. Como as famílias, a sociedade, as instituições, os governos, em nome do Estado, estão cuidando das novas gerações? Como a tecnologia, que poderia ser aliada da aprendizagem, está desenhando o futuro do ensino?

Nessa linha, a fim de contribuirmos com a mudança da realidade nos diversos campos que envolvem Educação e ensino, pensamos na continuidade das ações, tanto pelo viés freireano quanto baumaniano, na persistência, na esperança, na construção de projetos. Por exemplo, precisamos de famílias mais presentes. Sem embargo, como ter famílias que possam dedicar atenção a seus filhos e filhas, se seus membros precisam trabalhar várias horas por dia para sobreviver? E, ainda mais, é necessário contar com a instabilidade nas relações familiares, fluidez das amizades e outros relativismos, como alerta Bauman.

Profissionais precisam ser valorizados e apoiados na formação ética e no compromisso com a vida e com os outros. A Educação é um processo contínuo de conscientização e desalienação. Bauman (2013) denuncia que as mídias, embora possam contribuir para a formação crítica, frequentemente promovem a alienação e destruição de valores educacionais, apresentando mensagens inadequadas que moldam atitudes e pensamentos, sem desenvolver a criticidade.

Freire defendia que as ideias não são imutáveis, e sua obra enfatiza que não devemos perder a esperança em um mundo melhor. A esperança, ligada à revolução e à Educação, é um compromisso para enfrentar os desafios da Modernidade Líquida, na qual segurança e liberdade se tornam retóricas vazias. Esperar é lutar pela transformação do mundo, curando-o do desapego e do desamor, onde as pessoas vivem isoladas em suas bolhas, acompanhando o caos sem se envolver. Nesse "não lugar", falta afeto, intersubjetividade e reconhecimento, e a solidão cresce em meio a multidões.

Em nossa análise, é um cenário muito triste, entretanto, para Zygmunt Bauman, é real. Já acerca de Freire, em suas obras, escreve para não perdermos a esperança em um futuro melhor, pois onde existe esperança, há vida pulsante e vontade de superar os desafios de nossa Modernidade contemporaneamente líquida.

Nesse rumo, tanto Bauman como Freire, muitas vezes, têm ideias que se complementam e são empáticas à condição humana, ambos deixam claro que, para transformar o mundo em um lugar melhor, precisamos, principalmente, de pessoas melhores e nelas desenvolver uma consciência crítica. Para isso, precisamos de uma Educação de qualidade, científica e

humanística, com uma formação integral, como já tem dito há mais tempo por Gramsci (1982).

Não afirmamos que o processo de formar pessoas conscientes e agentes na Modernidade Líquida seja fácil. Contudo, há elementos dessa realidade que podem gerar uma tomada de consciência, como os processos educativos que trazem à reflexão questões como pobreza, desigualdade social, desconfiança, consumismo e precarização do trabalho. A "necrofilia" dos processos humanistas, o excesso de informações, as pandemias, os jogos violentos e as redes sociais que afastam as pessoas deixam o trabalho pedagógico mais relevante do que a evolução da técnica. À medida que a tecnologia avança, é fundamental que as pessoas se tornem mais conscientes e preparadas.

Na Modernidade Líquida, o excesso de informação raramente se transforma em conhecimento. De que valem tecnologias avançadas sem caráter, integridade, humanismo e diálogo? A dignidade humana deve ser prioridade, para não nos perdermos no consumismo. Uma globalização marcada por desigualdade e foco apenas financeiro perde o sentido, especialmente se não promover desenvolvimento e bem comum.

A globalização gerou um mundo ambivalente, com avanços e contradições, intensificados pelas "bolhas" de informação. Nesse contexto, a Educação pública é fundamental, sobretudo diante de propostas privatistas como o *home schooling*. Valorizar habilidades sociais e coletivas reforça nossa interdependência e o compromisso com a solidariedade. Embora a ciência tenha promovido progresso, também agravou desigualdades. Suas soluções, muitas vezes alinhadas ao capital e ao imperialismo, acentuam exclusões, degradam o planeta e perpetuam a lógica da ganância.

As juventudes vivem entre maravilhas e perigos em um dos períodos mais desafiadores da história, enfrentando conflitos internos, familiares e sociais, em meio a crises políticas, econômicas, culturais e ambientais. Nesse panorama complexo, cabe à Educação promover a compreensão crítica da realidade. Ao longo da história, o ser humano sempre se adaptou aos diferentes panoramas sociais, e na Modernidade Líquida não é diferente. Para Freire e Bauman, a escola continua sendo uma oportunidade de vida mais digna. A proposta de Freire, com a Educação popular, visa justamente alcançar as

classes historicamente marginalizadas, em um esforço de reparar a dívida social que o país mantém com seu povo.

Quando Streck (2008, p. 60) escreve que "[...] a pequena cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, tornou-se o emblema de uma proposta de alfabetização revolucionária", visto que foi em "[...] Angicos que a equipe coordenada por Freire realizou a experiência pioneira de alfabetização de adultos [...]", mostra uma iniciativa que desenvolve senso crítico em homens e mulheres através da capacidade de desvendar o mundo, pela leitura, leitura de mundo, pela reflexão. A proposta freireana sintetizada nos aspectos de ousadia epistemológica, no engajamento político e no pensar esperançoso, remete à Sociologia da Educação que Bauman desenvolve em oposição à oclusão mental e à necessidade de conhecimento, de ciência, de humanismo.

Ousadia epistemológica, o engajamento político e no pensar esperançoso

Freire propõe uma ousadia epistemológica, ou seja, coragem para questionar saberes dominantes e construir conhecimento de forma crítica, criativa e coletiva. O saber nasce da vivência e das lutas históricas, sendo caminho de transformação. Seu pensamento rompe com estruturas tradicionais, valorizando o engajamento político em favor dos oprimidos. Como afirmam Streck, Redin e Zitkoski (2008, p. 23), "Freire não repete as estruturas de pensamento da tradição filosófica, mas busca inovar a partir do desafio da realidade do oprimido em diálogo com os instrumentos de análise da reflexão teórica".

Outro ponto pertinente do pensamento freireano, nessa questão, é o engajamento político, que é a participação ativa e consciente na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, quer dizer, em favor das pessoas oprimidas, aqueles e aquelas que mais sofrem. Para Streck, Redin e Zitkoski, a partir desse momento, Freire diz que:

[...] dialeticamente, faz a denúncia de um mundo no qual se ampliam e sofisticam as formas de opressão e, ao mesmo tempo, destaca a importância e a viabilidade do processo educativo humanizador e sua relação direta com o desafio da práxis social

transformadora: É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos (Streck; Redin; Zitkoski, 2008, p. 31).

Freire enfrentou com coragem as injustiças do mundo, desafiando os poderes que tentavam silenciá-lo. Sua práxis, guiada pela esperança, via na Educação um caminho para a transformação social. Bauman, mais cético quanto ao futuro, também colocava a dignidade humana no centro de sua reflexão. Enquanto Freire se dedicava à Educação dos oprimidos, Bauman criticava a mercantilização das relações na modernidade líquida. Apesar das abordagens distintas, ambos têm no ser humano o foco de suas obras e contribuem significativamente para pensar a realidade e a educação contemporânea. Como sobrelevam Streck, Redin e Zitkoski (2008), o pensamento freiriano influenciou amplamente a filosofia, a teologia da libertação e práticas educativas na América Latina.

12

Paulo Freire valorizava o diálogo como ferramenta essencial para a aprendizagem mútua, em que educadores/as e educandos/as constroem juntos o conhecimento, com respeito, empatia e mediação sensível à realidade social e cultural de cada sujeito. Para ele, esse processo desperta consciências, promove a autonomia e empodera os indivíduos para agir em suas realidades. Freire e Bauman convergem na defesa do diálogo como prática pedagógica e ética, frente a uma sociedade cada vez mais fragmentada e marcada pelo isolamento. Bauman alerta para o enfraquecimento das relações humanas na modernidade líquida, onde o medo, a desconfiança e o solipsismo se intensificam, sobretudo nas redes sociais. A ausência de diálogo e participação pública revela um empobrecimento das relações e o risco de retrocessos sociais, como o crescimento de movimentos autoritários e antissociais.

O anonimato parece se impor como regra, exceto quando alude ao consumismo, que, segundo Bauman, pode curar temporariamente os vazios existenciais, as dores emocionais, as angústias mentais e talvez todo tipo de problemas gerados pela ambivalência. No entanto, o consumismo não

resolve os problemas estruturais da sociedade, não promove transformações profundas, não faz o ser humano crescer e não resgata a ontologia e a antropologia da condição humana e da vida em todas as suas formas e manifestações (Cassol; Moll, 2024).

Na Modernidade Líquida, consoante Bauman, pessoas são tratadas como descartáveis, sobretudo quando não atendem às exigências do mercado, gerando insegurança e extrema competitividade. Essa lógica desumana banaliza a substituição e ignora sentimentos e angústias. Nesse cenário, o diálogo proposto por Paulo Freire resgata a dignidade humana e fortalece vínculos empáticos. A Educação, ao cultivar o diálogo, prepara indivíduos para enfrentar as incertezas do presente. Ainda assim, o desafio da alfabetização permanece, e as práticas freireanas revelam-se essenciais, lembrando que a transformação global começa no local. É possível, aqui, aproximar as reflexões de Bauman, precipuamente em *Estranhos à nossa porta* (2017) e *Estado de crise* (2016, com Bordoní), das obras de Freire, como *Pedagogia do oprimido* (1987), em diálogo com Boaventura de Sousa Santos (2005), ao defender que é preciso pensar globalmente e agir localmente.

Na sociedade atual, marcada pelo individualismo e pela fragilidade das relações, observamos um enfraquecimento da solidariedade e da noção de coletividade. O grande desafio que se impõe é: que tipo de seres humanos estamos formando para o futuro? Tanto Bauman quanto Freire, cada um a seu modo, buscaram caminhos para enfrentar a desumanização crescente. Freire apostava na Educação como via para formar consciências críticas, capazes de transformar a si mesmas e o mundo ao redor. Bauman, por sua vez, alertava para os efeitos da liquidez nas relações sociais, nas quais tudo é passageiro, inclusive os vínculos humanos. Em comum, ambos defendem que é preciso preparar as pessoas para um mundo em constante mudança, mas não apenas tecnicamente: é preciso ensiná-las a ser solidárias, empáticas e comprometidas com o bem comum. Assim, o papel da Educação se amplia – mais do que transmitir conteúdos, deve formar sujeitos autônomos, conscientes e atuantes em suas realidades, capazes de resistir à desumanização da Modernidade Líquida e lutar por uma vida mais digna e justa.

Talvez possamos concluir que Paulo Freire, muito provavelmente, veria a Modernidade Líquida como oposta ao que sempre pregou em suas obras,

mas, também, como uma oportunidade para repensarmos a Educação, a vida dos homens e das mulheres, dos/as estudantes e docentes, dos trabalhadores/as. Alguma contradição que já está na Modernidade Líquida ou, como encontramos em Scocuglia (2008), ao referir que para Paulo Freire, a pós-modernidade:

É a compreensão realmente dialética da confrontação e dos conflitos e não sua inteligência mecanicista [...]. Em lugar da decretação de uma nova história sem classes sociais, sem ideologias, sem luta, sem utopia e sem sonho, o que a continuidade mundial nega contundentemente, o que temos que fazer é repor o ser humano que atua, que odeia, que cria e recria, que sabe e que ignora, que se afirma e que se nega, que constrói e destrói, que é tanto o que herda quanto o que adquire, no centro, das nossas preocupações (Scocuglia, 2008, p. 334).

14

Temos, assim, duas forças motrizes poderosas: a transformação da realidade e do comportamento humano, frutos ou consequências do desenvolvimento da tecnologia e de todos os elementos ligados a esse setor e à ambivalência que são os desafios gerados pelo próprio desenvolvimento tecnológico e racional.

Bauman, ao abordar o individualismo e o consumismo, descreve um mundo relativista onde as pessoas são vistas mais como objetos úteis do que por suas presenças. Esse panorama da Modernidade Líquida exige, em conformidade com Freire, uma Educação humanista e crítica, capaz de promover a emancipação e o empoderamento. Para enfrentar as desigualdades da atualidade, é necessário trabalhar com a realidade dos educandos, conectando os conteúdos ao seu cotidiano, para que o conhecimento seja um processo contínuo e significativo.

O legado para as futuras gerações dependerá de nossas ações no presente, que devem ser orientadas por conhecimento, ciência e humanização. A educação deve despertar a consciência dos alunos, não apenas transmitindo informações, porém levando-os a refletir sobre o que faz sentido. Freire acreditava que os educandos são protagonistas ativos do seu aprendizado, que deve sempre tocar sua consciência e provocar transformação, pois cada pessoa vive em contextos diferentes e é impactada de maneira única.

Aqui, vemos, também, o Freire avesso à Educação bancária, na qual os/as educandos/as recebem o conhecimento passivamente, sem que, necessariamente, faça algum sentido para suas vidas. Portanto, "[...] uma tarefa fundamental no ato de educar, ligada a outros princípios basilares da prática educativa, seria fundamentalmente a autonomia do direito pessoal na construção de uma sociedade democrática que a todos respeita e dignifica" (Machado, 2008, p. 74).

Destacamos, também, na compreensão de Kronbauer (2008), outro elemento importante da teoria educacional de Paulo Freire, a ação-reflexão, que faz parte do seu ideário:

Ação-reflexão é expressão recorrente na obra de Freire. Ela designa o binômio da unidade dialética da práxis, supondo que esta seja o fazer e o saber reflexivo da ação. O saber que realimenta criticamente o fazer, cujo resultado incide novamente sobre o saber e, assim, ambos se refazem continuamente (Kronbauer, 2008, p. 37).

Logo mais adiante, Dalla Vechia (2008), ainda no *Dicionário Paulo Freire*, acrescenta que:

No projeto pedagógico e antropológico de Freire, o homem se torna liberto à medida que for capaz de ser autônomo, assumir a decisão pela mudança de si e da sociedade, através da educação permeada pela afetividade, pelo diálogo, pelo questionamento, pela conscientização oriunda de um processo comunitário, solidário e integrado de abordagem da realidade e do engajamento efetivo na mudança (Dalla Vechia, 2008, p. 41).

Esses dois fragmentos podem soar quase como uma resposta de Freire aos questionamentos de Bauman. Mesmo assim, não podemos cair na ingenuidade de crermos que a Modernidade Líquida trará soluções rápidas ou fáceis. Ao contrário: vivemos em um mundo ambivalente que exige, cada vez mais, a práxis do diálogo, da solidariedade e processos científicos e humanistas que incorporem esses aprendizados no cotidiano escolar e do mundo da vida.

Nesse rumo, consoante Bauman e Freire, a solução para superar o solipsismo e restaurar a solidariedade está na formação contínua e integral,

valorizando os indivíduos pelo que são, não como mercadorias. As juventudes, influenciadas pelas redes sociais e mídias digitais, são vulneráveis aos apelos da Modernidade Líquida, podendo se afastar dos valores educacionais e científicos, caso não desenvolvam uma consciência crítica. Em *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*, Bauman (2004) escreve sobre o humano sem vínculos, que provavelmente seja o retrato mais fiel dos indivíduos da Modernidade Líquida. Acerca disso, explica que

Ulrich, o herói do grande romance de Robert Musil, era – como anunciava o título da obra – *Der Mann ohne Eigenschaften*: o homem sem qualidades. Não tendo qualidades próprias, herdadas ou adquiridas e incorporadas, Ulrich teve de produzir por conta própria quaisquer qualidades que desejasse possuir, usando a perspicácia e a sagacidade de que era dotado; mas nenhuma delas tinha a garantia de perdurar indefinidamente num mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível (Bauman, 2004, p. 7).

16

Essa história é uma metáfora da vida de muitos/as jovens no mundo que compartilhamos, de Modernidade Líquida de Bauman. Imaginamos como as juventudes terão alguma referência em um mundo onde as famílias tenham vínculos diluídos, voláteis, líquidos, onde um novo relacionamento é muito melhor, mais prático, mais rápido do que consertar o antigo. Há indivíduos que não conseguem compreender ou aceitar as novas configurações familiares. Lembremos que a Modernidade Sólida também não se configura em nenhum paraíso. Mas, com Bauman, retomamos a ideia da liquidez para entender através de

Mann ohne Verwandtschaften – o homem sem vínculos, e particularmente vínculos imutáveis como os de parentesco no tempo de Ulrich. Não tendo ligações indissolúveis e definitivas, o herói de seu livro – o cidadão de nossa líquida sociedade moderna – e seus atuais sucessores são obrigados a amarrar um ao outro, por iniciativa, habilidades e dedicação próprias, os laços que porventura pretendam usar com o restante da humanidade (Bauman, 2004, p. 7).

A Modernidade Líquida trouxe à tona a perda das estruturas sólidas e referências que antes davam estabilidade às sociedades. Embora haja

mais liberdade, é instável, o que deixa o futuro incerto e desafiador para as gerações futuras. A natureza humana, ao lidar com incertezas, revela comportamentos imprevisíveis, e a sociedade líquida, exacerbada pela mídia, torna ainda mais difícil o trabalho educativo. Problemas como a violência doméstica, o abuso, a marginalidade e a solidão afetam os educandos e exigem respostas complexas e sacrifícios.

Apesar das dificuldades, o acesso ao conhecimento surge como uma forma de despertar a consciência crítica e superar a opressão. A Educação, na visão de Freire (1992), deve ser libertadora, fundamentada na ética, no respeito e na solidariedade, oferecendo uma cultura de esperança. O papel do educador, tal qual reitera Streck (2008), é manter viva a esperança em um mundo marcado por transformações rápidas e individualismo. Conscientização e diálogo, na visão de Freire, são fundamentais para compreender e agir em um mundo em constante mudança.

As mídias, ao separar as figuras públicas de seus personagens, tornam difícil para os/as educandos/as entenderem a importância de valores como integridade e honestidade, essenciais para uma sociedade justa. As juventudes, presas a essa realidade superficial e vazia, oscilam entre sentimentos de superioridade e depressão, sem apoio. A Modernidade Líquida criou uma vida cruamente superficial, e a salvação da humanidade não virá apenas do desenvolvimento tecnológico, mas de um avanço ético, cognitivo e humanista, com compromisso social. A formação de profissionais com uma consciência ampla do mundo, por meio de uma Educação de qualidade, é uma semente para o futuro.

Bauman destaca que, à medida que os relacionamentos se tornam mais superficiais, a compreensão da realidade torna-se mais complexa. Para Freire, a família é um espaço primordial para a formação da identidade, onde valores e visões de mundo são consolidados. A família deve ser um local de diálogo, liberdade e respeito, ajudando no desenvolvimento da autonomia e no compromisso social dos indivíduos. A comunidade, na concepção de Bauman, também tem um papel fundamental na socialização, apesar de ser mais fluida e efêmera na Modernidade Líquida. As pessoas continuam a buscar nas comunidades atuais o mesmo que buscavam nas antigas: um sentido de pertencimento e identidade.

Paulo Freire enfatiza o papel elementar da comunidade na formação dos indivíduos, pois, por meio da troca de experiências entre gerações, é possível construir a consciência crítica e ampliar o conhecimento. A Educação, para Freire, é uma construção coletiva, e a socialização, as relações sociais e o ambiente de trabalho são fundamentais na constituição dos indivíduos como membros ativos da sociedade.

Na Modernidade Sólida, sobretudo durante a Revolução Industrial, o trabalho era visto como um valor fundamental para o progresso da humanidade, refletindo uma crença no poder do trabalho, da ciência e do progresso. Bauman salienta, porém, que, na Modernidade Líquida, esses valores estão sendo revistos e até contestados. O trabalho, antes símbolo de esperança e segurança, com as transformações econômicas e sociais contemporâneas, passou a ser um reflexo de instabilidade e precarização, resultando em insegurança e pressão nos trabalhadores.

Com o avanço das tecnologias, muitos empregos foram substituídos por máquinas, forçando as pessoas a aceitarem subempregos ou a migrarem para outras regiões em busca de oportunidades. Esse cenário tem gerado conflitos, especialmente com o aumento da imigração e as acusações de que os imigrantes estariam "roubando" empregos. A globalização e o neoliberalismo contribuíram para a construção de muros, como entre os Estados Unidos e o México, limitando o acesso à riqueza do Norte.

Diante desses desafios, Paulo Freire propõe que a esperança e a conscientização são elementos essenciais para a transformação social. Ele acredita que as empresas devem assumir responsabilidades sociais e ambientais, além das econômicas, e que todo trabalhador deve receber um salário digno para garantir sua subsistência e contribuir para uma sociedade mais justa e humanizada.

Dinamismo na Modernidade Líquida

A Modernidade Líquida, marcada pela constante transformação e fluidez das relações, desafia a Educação ao questionar métodos e valores tradicionais. Em um mundo volátil e pragmático, a rigidez das estruturas educacionais já não atende mais às demandas contemporâneas, exigindo

adaptação e flexibilidade para lidar com as mudanças rápidas. É a partir dessa percepção que Bauman nos oferece uma análise crítica sobre como os princípios da Educação ortodoxa colidem com os imperativos do tempo presente:

Em nosso mundo volátil, de mudanças instantâneas e erráticas, os objetivos últimos da educação ortodoxa, com hábitos estabelecidos, estruturas cognitivas sólidas e preferências valorativas estáveis, se tornam desvantagens. Pelo menos é assim que foram definidos pelo mercado de conhecimento, no qual – como em todos os mercados de todos os produtos – lealdade, compromissos de longo prazo e vínculos indestrutíveis são anátema, obstáculos a tirar do caminho e como tal tratados (Bauman, 2010, p. 117).

A Modernidade Líquida trouxe liberdade e acesso a ideias e recursos antes inimagináveis, incluindo a possibilidade de um ensino mais universalizado. Entretanto, também implementou o neoliberalismo e a globalização, concentrando riquezas nas mãos de poucos. As gerações atuais vivem em contextos mais instáveis, com vínculos mais frágeis do que as anteriores, que experimentaram maior coletividade. Isso causou conflitos geracionais e uma valorização do individualismo, perceptível nas redes sociais, onde a busca por uma vida "plena" se reflete em experiências pessoais compartilhadas.

A felicidade, nesse viés, torna-se relativa, já que as redes sociais, muitas vezes, escondem os sacrifícios por trás das vidas aparentemente perfeitas. Assim, a Educação precisa ser integral, humanista e científica, valorizando não o acúmulo de informações, mas o contexto e a compreensão. Hoje, apesar do acesso ilimitado à informação para muitos, ainda há uma enorme desigualdade, com alunos de escolas públicas enfrentando desafios como a falta de eletricidade em casa. Isso torna impossível competir em igualdade de condições no mercado de trabalho.

A exclusão social e tecnológica agrava as desigualdades, especialmente em tempos de volatilidade econômica. A urgência de repensar práticas educacionais e políticas públicas mais inclusivas e equitativas é evidente, pois as consequências dessa exclusão impactam tanto os países desenvolvidos quanto os em desenvolvimento.

Concepção de fluidez na Modernidade Líquida

A Modernidade Líquida, de forma negativa, retirou o acesso a um emprego digno para milhões, deixando muitas pessoas à mercê da própria sorte, em contraste com a proteção oferecida pelos Estados Nacionais no passado. A desigualdade aumentou dramaticamente, com algumas crianças tendo acesso à tecnologia e educação de alta qualidade, enquanto a maioria não tem nem um lar ou escola adequados. A educação, nessa esfera, não acompanha as transformações sociais e está excessivamente voltada para o mercado de trabalho, enquanto os profissionais da área enfrentam desvalorização e falta de incentivo.

A Educação é um problema da sociedade, e não apenas da escola, pois é ela que impulsiona o desenvolvimento social e econômico. As políticas públicas precisam priorizar a valorização da educação, em vez de beneficiar somente setores da economia voltados ao lucro e à especulação financeira. Enquanto uma minoria se beneficia, grande parte da população sofre com a falta de serviços essenciais como saúde pública e recursos para a educação, como alimentação escolar adequada.

Muitos estudantes frequentam a escola não por interesse educacional, contudo pela necessidade de garantir a única refeição do dia, e a falta de uma alimentação adequada é uma realidade em muitas instituições. Essas expressões de frustração são, na verdade, legítimos clamores por direitos e dignidade. Perguntamo-nos: como esperar dedicação aos estudos de quem não tem o que comer em casa? E como exigir aprendizagem significativa sem professores motivados, valorizados e bem formados? A falta de profissionais qualificados na educação pública compromete o processo de ensino, gerando enorme preocupação nas famílias que dependem das escolas públicas.

Outro desafio é o desinteresse pela carreira docente, vista como uma profissão sem valorização social e econômica. Urge, portanto, fomentarmos o amor pelo conhecimento e pela educação, reconhecendo-a como um instrumento transformador. A implementação de políticas públicas que valorizem o ensino é essencial para o desenvolvimento de um país mais justo e igualitário, onde a exploração social e econômica não prevaleça.

Conclusão

Este artigo teve como objetivo articular Bauman e Paulo Freire para compreender as implicações da Modernidade Líquida na Educação, destacando a urgência de uma prática pedagógica comprometida com a formação integral, a autonomia e a justiça social. Nesse âmbito, sistematizou as principais ligações analíticas e teóricas do pensamento de Zygmunt Bauman para a educação, destacando como a Modernidade Líquida, marcada pela fluidez das relações, fragilidade institucional e consumismo, desestabiliza a escola e exige respostas que vão além da mera adaptação superficial

Nesse percurso, o diálogo entre Bauman e Paulo Freire revela-se fecundo, pois contrapõe à volatilidade do presente a necessidade de uma prática pedagógica comprometida com a transformação social. Assim, mais do que se adequar aos tempos líquidos, a Educação deve ousar ser âncora ética e espaço de criação coletiva, cultivando vínculos, solidariedade e sentido diante das incertezas do contemporâneo.

A análise revela que o diálogo entre Bauman e Paulo Freire é fundamental para enfrentar a volatilidade do presente. Enquanto Bauman alerta para a fragmentação e o esvaziamento da experiência, Freire oferece uma pedagogia crítica que orienta a transformação social. Portanto, os dados indicam que a Educação não deve se limitar a incorporar metodologias inovadoras ou a responder às demandas do mercado, mas deve assumir-se como âncora ética e espaço coletivo de criação de sentidos, cultivando vínculos, solidariedade e sentido diante das incertezas contemporâneas

Ao dialogar com Paulo Freire, encontramos uma proposta pedagógica que, longe de se conformar com os desafios da Modernidade Líquida, busca criar possibilidades de resistência e transformação. Ao articular a Modernidade Líquida com a Pedagogia Crítica, constatou-se que a Educação libertadora freireana oferece instrumentos para resistir à liquidez, formando sujeitos conscientes das contradições e desigualdades sociais. Essa perspectiva reforça que a escola deve ser um espaço de luta contra estruturas opressoras e de construção de justiça social, e não um espaço de reprodução de superficialidades.

Dessa forma, conclui-se que integrar as reflexões de Bauman e Freire implica reorientar a Educação como instrumento de transformação real, não apenas de adaptação aos tempos líquidos. A fluidez das relações exige uma renovação radical dos objetivos educacionais, garantindo que, em meio à dissolução de certezas, a escola mantenha a solidez de princípios éticos, científicos e humanistas que sustentam a formação crítica e transformadora.

Por fim, este estudo evidencia que educadores, gestores e formuladores de políticas devem reconhecer a urgência de repensar práticas pedagógicas e políticas à luz da Modernidade Líquida. Isso requer reexaminar o próprio conceito de Educação, transformando a fluidez em oportunidade para fortalecer relações humanas e solidariedade, a fim de que a escola se mantenha, ao longo do tempo, como um pilar fundamental na formação de uma sociedade mais justa, equitativa e humana.

Referências

22

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. **Estado de crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASSOL, Claudionei Vicente; MOLL, Jaqueline. Educação e projeto de sociedade: disputas em torno do Ensino Médio no atual contexto brasileiro. **Revista Ponto de Vista**, Viçosa, v. 13, n. 2, p. 1-19, 2024. DOI: <https://doi.org/10.47328/rpv.v13i2.16876>.

DALLA VECHIA, Agostinho Mário. Afetividade. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2018.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

KIELING, José Fernando. Alienação. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KRONBAUER, Luiz Gilberto. Ação-reflexão. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, Rita de Cássia de Fraga. Autonomia. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RIBOLI, Cesar. **A judicialização do direito à educação infantil no estado do Rio Grande do Sul**. 2019. 219f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Fórum Social Mundial**: manual de uso. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Modernidade/pós-modernidade. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa (ação) participante e convergências disciplinares**. Porto Alegre: Civitas, 2008.

STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Prof. Gilson José Gonchorovski

Mestrando do Programa de pós-Graduação em Educação
Universidade Regional Integrada do alto Uruguai e das Missões (Frederico
Westphalen-Brasil)

Grupo de Pesquisas e Estudos em Filosofia (Biosofia)

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-6735-4650>

E-mail: gilson2710@yahoo.com.br

24

Prof. Dr. Claudionei Vicente Cassol

Universidade Regional Integrada do alto Uruguai e das Missões (Frederico
Westphalen-Brasil)

Programa de pós-Graduação em Educação

Grupo de Pesquisas e Estudos em Filosofia (Biosofia)

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-7837-887X>

E-mail: cassol@uri.edu.br

Recebido em 13 maio 2025

Aceito em 14 ago. 2025



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-Non-Commercial-ShareAlike 4.0 International License.